

Natureza e Ilustração Materialismo e Educação em Diderot

Christine Arndt de Santana *

Resumo

A educação foi um tema recorrente e uma preocupação constante na obra diderotiana. É possível identificar no conjunto de seus textos a marca de um autor ilustrado que não poderia deixar de ter como “ordem do dia” a preocupação constante com a felicidade e o bem estar dos homens, que seriam possíveis através do esclarecimento destes para que pudessem pensar de maneira autônoma, fossem virtuosos, vivessem em harmonia e, a partir de então, conseguissem construir um bem-estar social. Em sendo a educação o processo que possibilita se chegar à concretização desses objetivos é importante estabelecer a relação existente entre o materialismo de Diderot, a partir do escrito *Natureza e Ilustração*, e suas reflexões sobre educação.

Résumé

L'éducation était un thème récurrent et une préoccupation constante dans l'oeuvre de Diderot. Il est possible d'identifier dans l'ensemble de ses textes la marque d'un auteur éclairé qui ne pouvait pas ne pas avoir, dans l'ordre du jour, la préoccupation constante avec le bonheur et le bien-être des hommes, ce qui aurait lieu à travers l'émancipation des êtres humains pour qu'ils pensent de façon autonome, soient vertueux, vivent en harmonie et, à partir de là, construisent un état de bien-être social. Si l'éducation est le processus qui permet d'atteindre ces objectifs, il est important de reprendre le rapport existant entre le matérialisme de Diderot, à partir de l'écrit *Natureza e Ilustração*, et ses réflexions sur l'éducation.

* Professora Doutora da FANESE – Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe e da Faculdade Maurício de Nassau.

A educação foi um tema recorrente e uma preocupação constante na obra diderotiana. É possível identificar no conjunto de seus textos a marca de um autor ilustrado que não poderia deixar de ter como “ordem do dia” a preocupação constante com a felicidade e o bem estar dos homens, que seriam possíveis através do esclarecimento dos seres humanos para que pudessem pensar de maneira autônoma, fossem virtuosos, vivessem em harmonia e, a partir de então, conseguissem construir um bem-estar social. Em sendo a educação o processo que possibilita se chegar à concretização desses objetivos é importante estabelecer a relação existente entre o materialismo de Diderot e suas reflexões sobre educação, na tentativa de estabelecer um vínculo necessário entre sua filosofia materialista e a sentença *Instruídos – Virtuosos – Felizes*, sentença esta que colabora com a “possibilidade das coisas”, ao trabalhar para o estabelecimento de um estado de bem-estar social, a partir de uma perspectiva naturalista, que compreende a sociedade como um organismo. Vale ressaltar que o estabelecimento da relação descrita acima parte da análise do texto *Natureza e Ilustração*, de autoria da Professora Maria das Graças de Souza.

As teorias sobre educação diderotianas estão dispersas nas obras de seu autor.¹Entretanto, ao se agrupá-las e combiná-las, é possível identificar suas ideias diretrizes e perceber que estas se encontram sistematizadas em seu *Plano de uma Universidade*. Porém, vale ressaltar que para Issaurat, por exemplo, assim como para a perspectiva adotada por este escrito, tudo o que Diderot escreveu colabora com a confecção de seu pensamento sobre educação.²

No pensamento diderotiano sobre educação é possível considerar a moral e a psicologia como sendo as bases de sua pedagogia³, uma vez que cabe à moral atribuir

¹Issaurat chama a atenção para o fato de que o pensamento diderotiano sobre educação não está encerrado, fechado em seu *Plano*. Ao se percorrer as suas obras, encontra-se “[...] esparsas e numerosas observações, reflexões, pensamentos finos e sempre finamente expressos sobre este assunto que ele carrega no coração”. (ISSAURAT, Cyprien. *Diderot pedagogue*. Paris: C. Reinwald Librairie Éditeur: 1888. (Conférence). p. 09.

² Assim Issaurat apresenta algumas obras de Diderot como sendo importantes para a construção de seu pensamento a respeito da educação: a *Carta sobre os cegos* (1749) e a *Carta sobre os surdos e mudos* (1751), que demonstram como adquirir naturalmente as ideias, como as verificar, controlar e obter novas; os *Salões* (1759) que serviam à educação dos artistas e dos críticos de arte; *Essais sur les règnes de Claude et Néron* (1778), para a educação dos historiadores; *Interpretação da Natureza* (1754), *O sonho de D’Alembert* (1769), *Colóquio com a Marechala* (1774), *Jacques, o Fatalista* (1772), para a educação dos livres pensadores; *A Religiosa* (1760), para a educação das devotas; *Réfutation D’Helvétius* (1777), para a educação dos lógicos. (Cf.: ISSAURAT, Cyprien. *Diderot pedagogue*. Op. Cit. p. 30).

³ Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot*. Tèse pour le doctorat d’Université de Paris. Faculté des Lettres. Paris: Librairie G. Molouan, 1913. p. 37.

uma finalidade à educação e à psicologia estabelecer a sua possibilidade e mostrar, ao mesmo tempo, os meios de se alcançar esta finalidade. Ambas, a psicologia e a moral, resolvem o problema da possibilidade da educação e seus limites e indicam seu fim. A primeira preocupação da Pedagogia, de maneira geral, é determinar a finalidade, o objetivo da educação; uma vez estabelecida esta finalidade, ela servirá de princípio, do qual se pode deduzir todo o sistema. Contudo, antes de se determinar o objetivo da educação, deve-se perguntar: a educação é possível? A psicologia colabora para que se encontre essa resposta, visto que ela ajuda a determinar o limite do poder da educação, ao estabelecer as possibilidades desta.

Não é correto afirmar que exista uma psicologia propriamente dita em Diderot, uma vez que isso poderia incorrer em um anacronismo. Entretanto, se o desejo deste *Philosophe* é que o primeiro capítulo de um bom tratado de educação seja acerca da maneira de conhecer as disposições naturais da criança, como ele afirma na *Réfutation d'Helvétius*, isso demonstra a sua preocupação, *avant la lettre*, com a psicologia.

Em que consiste então a importância da educação? Não é de todo fazer da primeira criança comumente bem organizada aquilo que agradaria a seus pais que ela fizesse; mas, sim, aplicá-la constantemente à coisa à qual ela é própria: à erudição, se ela é dotada de uma grande memória; à geometria, se ela combina facilmente os números e os espaços; à poesia, se se reconhece nela o calor e a imaginação; e assim das outras ciências; e que o primeiro capítulo de um bom tratado de educação deva ser sobre a maneira de conhecer as disposições naturais da criança.⁴

Existe uma constante em Diderot, quando o tema pensado por ele é a educação: a utilidade, a prática. “É em razão das exigências da prática que Diderot dá conta da psicologia em suas reflexões pedagógicas [...]”.⁵ Mesrobian fez uma crítica a Diderot ao insistir em reforçar as contradições existentes na obra diderotiana, pois afirma que algumas teses são defendidas em um momento e refutadas em outro, o que acaba por não tornar possível determinar seu pensamento diretor.⁶ Assim como Mesrobian,

⁴DIDEROT, Denis. *Réfutation d'Helvétius*. In: *Diderot. Oeuvres. Philosophie*. Paris: Robert Laffont, 1994. (Collection Bouquins). Tome I. p. 856.

⁵MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.*. p. 39.

⁶ Assim Mesrobian se expressa: “Ele vai e vem, abandona uma ideia por outra, depois a retoma em uma obra ulterior”. (*Id. Ibid.*, p. 39).

Höffding também entende que Diderot não possui um fio condutor que liga suas ideias e que isso se dá um razão de sua personalidade cambiante.

Porém, a perspectiva adotada por este escrito é contrária à de Mersobian, assim como à de Höffding porque não se deve deixar de considerar que o autor do *Sobrinho de Rameau* não cessou de testar todas as suas hipóteses, em diferentes textos e épocas, o que pode gerar uma confusão, ao se tentar afirmar que não há uma constância em seus textos. Além disso, assim como Voltaire⁷, Diderot é polemista. Sua filosofia é a do ataque. Para encontrar o que ele realmente pensa acerca de um assunto, deve-se buscar o que se repete, o que permanece, aquele tema ao qual ele sempre retorna. Diderot expõe sua defesa acerca dessa ideia: “Escutai, meu amigo, se pensardes bem, verificareis que, em tudo, nosso verdadeiro sentimento não é aquele no qual jamais vacilamos; mas aquele ao qual nós mais habitualmente retornamos”.⁸ Nesse sentido, em Diderot, é legítimo se perguntar qual a sua ideia acerca da finalidade da educação e como ele concebe sua possibilidade.

Se se entende por educação o conjunto das ações pelas quais uma geração forma a geração seguinte, ninguém contesta a sua possibilidade. Com efeito, a nova geração se submete incessantemente à influência daquela que a precede, da qual ela recolhe a herança. O que interessa saber é se, após Diderot, essa transmissão resulta somente do curso natural das coisas, ou se ela pode proceder também de uma ação intencional, premeditada, metódica dos educadores de profissão. [...] o educador [...] pode formar o coração e a vontade da criança?⁹

Como cabe à psicologia demonstrar a possibilidade de se educar uma criança, todo sistema pedagógico possui um fundamento psicológico; vale ressaltar que cada sistema psicológico demonstra essa possibilidade de maneira diferente.¹⁰ Duas teses aparecem no pensamento diderotiano: o Materialismo e o Determinismo Científico,

⁷ Cf.: MOTA, Vladimir de Oliva. A recorrência do Combate. In: *Acerva da noção de Filosofia em Voltaire*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), 2012. (Tese de Doutorado). Orientadora Professora Doutora Maria das Graças de Souza. p. 31-67.

⁸DIDEROT, Denis. Diálogo entre D’Alembert e Diderot. In: *Obras I: Filosofia e Política*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção “Textos”). p. 163.

⁹MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot*. Op. Cit.. p. 40.

¹⁰*Id.* As obras de Diderot que tratam de suas concepções psicológicas são: *Réfutation, Os diálogos (Conversas sobre o Filho Natural (1757); Diálogo entre D’Alembert e Diderot; Colóquio de um pai com seus filhos (1771); Colóquio com a Marechala), O Sonho de D’Almbert, Carta sobre os cegos, Éléments de Physiologie (1781).*

compatível com certa forma de liberdade¹¹. A Tese Materialista pode ser assim resumida: existe apenas uma substância, a matéria; a molécula é a unidade indivisível e a responsável por criar tudo, a partir do movimento; o movimento é gerado pela energia, que pode ser ativa ou em potencial; a energia, - ou força, que rege as formulações fundamentais da filosofia materialista em Diderot, - e o processo, - subdividido em gênese, organização (temperamento e constituição orgânica), duração e dissolução - são conceitos operatórios; há uma identidade de essência entre o inorgânico e o orgânico; os seres são organismos diferentes (com temperamentos e constituições orgânicas particulares) que compõem um todo uno (a sociedade), por conta da passagem de contiguidade entre as moléculas sensíveis à continuidade do todo orgânico e, sobretudo, à consciência dessa totalidade (para explicar isso, Diderot utiliza-se de 3 metáforas: a do enxame de abelhas (explica a vida); a da Teia de Aranha (explica a vida mental) e a do Instrumento Sensível, ou Cravo Filósofo (explica o fluxo da vida mental)); o ser humano é um mecanismo e todas as relações entre os seres são mecânicas e se originam da natureza mesma das coisas.

É importante ressaltar a ideia diderotiana de organização como sendo o conjunto de temperamento e constituição orgânica que faz com que existam seres diferentes. Foi justamente este o argumento que fez Diderot discordar da assertiva de Helvétius, ao afirmar que a “educação pode tudo”. Para o *Philosophe*, ela pode muita coisa, mas não tudo, justamente em função desta “barreira natural”. Logo, ao atribuir tanta importância à organização, Diderot não impossibilita a educação; prova disso é o fato de que a organização específica do homem não pode ser definida como essência, uma vez que, ao se pensar o materialismo, deve-se levar em conta dois conceitos operatório importantes: energia e processo, como especificados anteriormente; a espécie humana segue o processo segundo o qual existe uma ordem das coisas: a gênese (processo de constituição dos seres na cosmologia, na embriologia), a organização (processo de coordenação das tendências, aqui entra a possibilidade da educação), duração (processo de manutenção da organização; necessariamente dos seres) e dissolução (processo de

¹¹ Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.*, p. 41. Sobre esta Tese, vale reforçar que Diderot, após verificá-la, testá-la, abandona-a. Seu pensamento sobre a educação pauta-se em seu materialismo.

reorganização, uma vez que o homem é uma espécie que passa, deixará de existir, assim como os outros animais).

A Tese Determinista Científica entende que "Tudo é determinado pelas leis do universo e pela natureza das forças em jogo".¹² O homem não possui o poder indefinido e ilimitado que o permite mudar de uma hora para outra os acontecimentos ou seu próprio caráter. Não há nada no encadeamento lógico dos efeitos e das causas que possa impedir "o homem de agir sobre si mesmo ou o educador de modificar a criança".¹³ Essas leis são o que possibilitam a ação. A liberdade que não pode ser admitida é aquela que faria do homem um todo separado do universo e completo. Nesse sentido, seria num determinismo racional que se encontra a possibilidade da educação. Somos nossos mestres, não como Deus para o mundo; mas como pais de família o são em suas casas, como afirmou Diderot no verbete "Liberdade" da *Encyclopédia*.¹⁴ Um problema se coloca, após a exposição destas duas teses: "A educação, sendo a passagem de um estado indeterminado para um estado fixo, exige, forçadamente, [...] uma certa atividade espontânea da alma para que ela seja eficaz. A liberdade determinista de Diderot [...] encontra, na natureza dos indivíduos, as condições necessárias para se exercer eficazmente?"¹⁵

Aqui, abre-se espaço para o aparecimento da refutação de Diderot a Locke, no que diz respeito à Tábula Rasa. O homem nasce sem ideias, mas traz consigo, ao nascer, disposições, como pensara, também, Voltaire. Para Diderot, nascemos com algumas disposições naturais que não estão desenvolvidas, mas que são capazes de se desenvolverem ou se atrofiarem a depender do estímulo que receberem.¹⁶

Página 13 – *Ao momento no qual a criança se separa dos flancos de sua mãe e se abrem as portas da vida, ela adentra sem ideias e sem paixões. Sem ideias é verdade, mas com uma disposição própria [...] É raro que não se tenha uma paixão dominante, mais raro que se seja igualmente dominado por duas; ainda mais raro que uma paixão dominante não seja*

¹² Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 44.

¹³ *Id. Ibid.*, p. 45.

¹⁴ Cf.: DIDEROT. Liberté. In: D'ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003.

¹⁵ MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 46.

¹⁶ *Id. Ibid.*, p. 48.

detectada pelo olhar atento desde os primeiros anos de vida, muito tempo antes da idade da razão.¹⁷

A possibilidade de se detectar a paixão dominante na criança, a partir de um olhar atento, desde seus primeiros anos de vida, torna possível a educação, dando a ela o poder de, como apresentado no *Plano de uma Universidade*, adoçar os caracteres, esclarecer sobre os deveres, suavizar os vícios, "inspirar o amor à ordem, à justiça e às virtudes e acelerar o bom gosto em todas as coisas da vida".¹⁸ Ela, a educação, vai reforçar as disposições boas e abafar as ruins, ou seja, aperfeiçoar as aptidões naturais que orientem a criança a ações cujo seu resultado esteja ancorado na bondade e tentar suprimir ao máximo as ações que levem à ruindade. Nesse sentido, deve-se educar uma criança seguindo as suas disposições. A importância da educação consiste em aplicar a criança àquilo que está de acordo com sua organização (temperamento e constituição orgânica). Para Diderot, pouco importa se o homem é mau ou bom, porque quando ele nasce ainda não é nada disso: nem bom, nem mau; ele se tornará aquilo que suas disposições, orientadas pela educação recebida, fizerem dele. Neste sentido, a educação é possível, apesar de não poder tudo, como afirmou Helvétius. Para Diderot, dois grupos de influências determinam nossas disposições: as influências psíquicas e as influências intelectuais e morais.¹⁹ As influências psíquicas limitam a educação de duas maneiras: 1) elas a limitam, de início, pela diferença de temperamento e de constituição orgânica (organização) da criança. 2) as condições físicas, o clima e o meio em que vive a criança a ser educada, limitam a educação de maneira considerável. As influências intelectuais e morais limitam uma vez que tal educação vai depender da nação à qual a criança faz parte, sua família. As disposições naturais são necessárias para que a educação não seja estéril, uma vez que ao se tentar ensinar algo sem se levar em conta tais disposições, a educação não terá nenhuma eficácia. "A educação está condicionada [...] à individualidade da criança: por sua organização física e por suas predisposições intelectuais e morais. É, então, nestes limites que a pedagogia deve colocar uma finalidade à educação".²⁰

¹⁷DIDEROT, Denis. Réfutation d'Helvétius. In: *Diderot. Oeuvres. Philosophie. Op. Cit.* p. 860. Na *Réfutation*, aparece o número da página a ser refutada e, em itálico, a ideia que deve ser combatida.

¹⁸DIDEROT, Denis. Plano de uma Universidade. In: *Obras I: Filosofia e Política. Op. Cit.*, p. 264.

¹⁹ Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 53.

²⁰*Id. Ibid.*, p. 55.

Para os autores da Ilustração, a tarefa de erigir uma moral e uma virtude, fundamentadas em premissas filosóficas e apartadas da teologia cristã, fora um dos seus principais combates. A concepção de moral diderotiana se modifica no decorrer da vida do *Philosophe*. “Diderot não apresenta uma visão moral imutável durante sua vida de escritor. Ao contrário, suas ideias sobre o bem e o mal evoluem e se modificam continuamente até o fim de seus dias [...]”.²¹ As concepções sobre a moral em Diderot são definidas a partir de suas relações com as contingências da realidade, o que acaba por não se chegar a uma certeza. Não é oferecida uma epifania em seu maior grau; mas, sim, a possibilidade de ver os traços de uma longa experimentação, de um longo exame de consciência intelectual. Nesse sentido, o *Suplemento às viagens de Bougainville*, para citar apenas um exemplo, serve de instrumento de exame e de experimentação para testar, colocar a moral cristã em prova, levando os seus leitores a novas possibilidades, novos argumentos, possibilitando-os pensar a partir de uma perspectiva diferente; assim como em *O Sobrinho de Rameau*, Diderot necessita de Rameau porque discutir com ele é discutir com a sociedade e Rameau pode ser considerado um instrumento de análise, um catalisador da moral social.

Existem três níveis distintos de relação com o público que acabam por determinar três diferentes concepções de moral em Diderot: uma dessas concepções está ligada a sua produção epistolar íntima (Sophie Volland e Grimm); outra, a obras não publicadas em vida, ou publicadas clandestinamente; ou seja, destinadas a um público menor, *O sobrinho de Rameau* (1776); *Jacques, o Fatalista* e *o Sonho de D’Alembert*, para citar algumas; e aqueles textos destinados ao grande público, como por exemplo, os leitores da *Enciclopédia* (1747), *o Filho Natural* e *o Père de Famille* (1761). Contudo, mesmo tendo sua concepção de moral dividida em três períodos distintos de sua produção literária, é possível apresentar, resumidamente, os três princípios da moral diderotiana que são retomados por seu autor durante sua vida: ser feliz é o dever do homem; a virtude é necessária à felicidade e para ser virtuoso é necessário contribuir para a felicidade dos outros²².

²¹ BLUM, C. Moral, Vertu. In: MORTIER, Roland. TROUSSON, Raymond. *Dictionnaire de Diderot*. Paris: Honoré Champion, 1999. p. 325.

²² Deve-se entender por “os outros” o mesmo que “a espécie”, pois Diderot alarga aos limites biológicos da espécie à obrigatoriedade de se fazer o bem. Entenda-se por espécie a multidão de indivíduos organizados de uma mesma maneira, o todo, segundo sua concepção materialista do universo. Cf.: DIDEROT, Denis. Salon de 1767. In: *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1876. Tome XI, p. 124.

A sentença (*Instruídos – Virtuosos – Felizes*) é recorrente no pensamento diderotiano e interliga, através de seus termos, a moral à educação, uma vez que o processo educativo que torna os homens instruídos, necessariamente os encaminha à virtude e a consequência disso é a felicidade individual e coletiva. Por essa razão, a moral está alicerçada nos três princípios recorrentes no pensamento de Diderot e dá uma finalidade à educação, pois esta deve guiar os homens à concretização da sentença descrita acima.

Outra constante na moral diderotiana é a importância dada à virtude, mesmo que para alcançá-la seja necessário sofrer, uma vez que somente a virtude leva o homem à felicidade. Em uma carta endereçada a Falconet, citando uma ideia que aparece nos *Ensaíos*²³ de Montaigne, Diderot escreve: “[...] a justiça é muito nobre para procurar em outra locatária seu próprio valor”.²⁴ Na peça *O filho natural*, em um diálogo entre Constance e Doval, a moça assim se expressa sobre a relação entre virtude e sofrimento:

As necessidades reais têm um limite; as da fantasia não. Por maior que seja a sua fortuna, Doval, se a virtude faltar a seus filhos, eles serão sempre pobres. [...] [a virtude] É a coisa mais bem conhecida no universo e a mais reverenciada. Porém, Doval, nós a ela nos apegamos mais pelo sacrifício que por ela fazemos do que pelos encantos que lhe atribuímos; e infeliz daquele que não lhe fez sacrifícios suficientes para preferi-la a tudo o mais, para só por ela viver, só por ela respirar; para embriagar-se em seu doce hálito e encontrar o fim de seus dias nessa embriaguês.²⁵

Ao pensar que a educação deve abafar as disposições ruins e aperfeiçoar as disposições boas, como dito, é importante especificar, sempre a partir do pensamento diderotiano, quais são os critérios para se estabelecer o que é bom ou mal. Se é da natureza do homem que resultam as propriedades de suas ações, uma ação que convém à natureza do ser é boa moralmente porque ela concorda com sua essência. Se os homens foram criados pela natureza para se ajudarem mutuamente, uma vez que eles não se subsistem

²³ Cf.: MONTAIGNE. *Oeuvres Complètes*. Paris: Seuil, 1967. (Collection L'intégrale). p. 256-262.

²⁴ DIDEROT, Denis. Lettre à Falconet, septembre, 1766. In: *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1876. Tome XVIII, p. 176.

²⁵ DIDEROT, Denis. *Obras V: O Filho Natural*. Tradução Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção “Textos”). p. 78.

sem que se sustentem (basta lembrarmos do processo de duração da espécie), suas ações serão convenientes à proporção que eles se aproximem uns dos outros. Logo: o que é bom, o que aproxima os homens; o que é mau, o que os separa. No verbete “Justo”, da *Encyclopédia*, Diderot desenvolve essa ideia da seguinte maneira:

É da natureza do homem que resultam as propriedades de suas ações, as quais, nesse sentido, não sofrem variação. Uma ação que convém, ou não convém, à natureza do ser que a produz, é boa ou má moralmente porque está de acordo com a essência do ser que a produz ou que a repugna. O bom ou o mau, em moral, como alhures, funda-se sobre a relação essencial, ou a incompatibilidade essencial, de uma coisa com outra. Ora, se se supõe os seres criados de maneira que eles só possam subsistir sustentando-se uns nos outros, é claro que suas ações são convenientes, ou não a são, à proporção em que eles se aproximam ou que eles se afastam desse objetivo e que essa relação com nossa conservação funda as qualidades do que é bom e do que é direito, mau e perverso, independente, por consequência, de nenhuma convenção arbitrária e existente não somente antes da lei, mas mesmo quando a lei não existe.²⁶

Para Diderot, o prazer depende das afecções sociais; logo, o prazer individual depende da felicidade pública. Toda felicidade individual, ou seja, todo prazer pessoal está condicionado pela felicidade pública, melhor dizendo, pela utilidade pública que será a responsável por possibilitar a execução rigorosa da justiça. Em sua tradução de Shaftesbury, Diderot apresenta suas ideias sobre as afecções sociais²⁷.

[...] a economia das afecções sociais, sendo a origem dos prazeres intelectuais, essas afecções sociais serão as únicas capazes de ocasionar na criatura uma felicidade constante e real. [...] a finalidade das afecções sociais, relativamente

²⁶DIDEROT. Juste. In: D’ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003.

²⁷ É importante notar que a tradução feita por Diderot não deve ficar restrita a uma simples tradução, uma vez que ele juntou a esta comentários que permitem, por exemplo, a alguns intérpretes de seu pensamento, considerar esta a sua primeira obra. “[...] a primeira obra pessoal de Diderot, o primeiro estado de sua filosofia, a primeira exposição de suas convicções morais”. (LEPAPE, Pierre. *Diderot*. Paris: Champs/Flammarion, 1991. p. 50-51). “Há muito no pensamento de Shaftesbury que deixou impressão profunda e permanente em Diderot, o qual mostra, nas notas a esse ensaio, sua familiaridade a todas as outras obras de Shaftesbury”. (WILSON, Arthur. *Diderot*. Tradução Bruna Torlay. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Col. Perspectivas). p. 76). Laurent Versini também trata desse tema. (Cf.: VERSINI, Laurent. Note sur la présente édition. In: *Diderot. Oeuvres. Philosophie. Op. Cit.*. p. VII).

ao espírito, é comunicar aos outros os prazeres que se sente, dividir aqueles dos quais eles saboreiam e de se felicitar de sua estima e de sua aprovação. A satisfação de comunicar um prazer pode ser ignorada apenas por uma criatura afligida por uma depravação original e total.²⁸

É próprio do homem o “prazer de comunicar um prazer”; o ser humano possui afecções sociais que permitem à espécie alcançar uma felicidade constante e real. Porém, para que Diderot pudesse demonstrar essas ideias, ele precisou investigar, antes, se é natural que o homem seja um ser social. Nos artigos *Enciclopédia, Filósofo e Sociedade*²⁹

²⁸DIDEROT, Denis. *Essai sur le Mérite*. In: *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1875. Tome I, p. 79-82.

²⁹Sobre os trechos referentes aos dois primeiros artigos, que são de autoria de Diderot: “Uma consideração que não deve ser esquecida é a que, se banirmos o homem ou o ser pensante e contemplador da superfície da Terra, esse espetáculo patético e sublime da natureza será apenas uma cena triste e emudecida. O universo se cala, o silêncio e a noite o invadem. Tudo se transforma em uma vasta solidão, na qual os fenômenos inobserváveis ocorrem de uma maneira obscura e surda. *É a presença do homem que torna a existência dos seres interessante*; e o que podemos nos propor de melhor na história desses entes do que submetermos a essa consideração? Por que não introduziremos o homem em nossa obra, tal como está posto no universo? *Por que não nos faremos o centro comum?* Há no espaço infinito algum ponto de onde, com mais vantagem, possamos fazer partir as linhas imensas que nos propomos estender a todos os demais pontos? Que viva e doce reação não resultaria dos seres para os homens, e dos homens para os seres? Eis o que nos determinou a procurar nas principais faculdades do homem a divisão geral à qual subordinamos nosso trabalho. Que se siga esse ou outro caminho que se prefira, desde que não se substitua o homem por um ser mudo, insensível e frio. *O homem é o termo único de onde se deve partir e ao qual é preciso retornar* caso se queira agradar, interessar, tocar até mesmo nas considerações as mais áridas e nos detalhes os mais secos. *Abstração feita de minha existência e da felicidade dos meus semelhantes, que me importa o resto da natureza?*” (DIDEROT. *Encyclopédie*. In: D’ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003. (Grifo nosso). DIDEROT, Denis. *Enciclopédia*. In: *Obras VI (3): O Enciclopedista. Arte, Filosofia e Política*. Tradução Newton Cunha e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção “Textos”). “O homem não é um monstro que vive apenas nos abismos do mar ou no fundo das florestas. As próprias necessidades da vida fazem com que o comércio com os demais lhe seja necessário. E em qualquer situação que se encontre, suas carências e bem-estar o comprometem com a vida em sociedade. Assim, *a razão lhe exige que conheça, estude e trabalhe para adquirir qualidades sociais*. Seria inútil notar aqui o quanto *o filósofo é cioso de tudo o que se chama honra e probidade. Para ele, a sociedade civil constitui, por assim dizer, uma divindade na Terra*. Ele a incensa e a enobrece pela honestidade, por uma atenção precisa de seus deveres e por um desejo sincero de não se tornar, em seu meio, *um membro inútil ou um estorvo*. Os sentimentos de probidade fazem parte tanto da constituição mecânica do filósofo quanto das luzes de seu espírito. *Quanto mais razão tiver um homem, mais probidade terá também*. [...] O filósofo é, pois, um homem honesto que age governado pela razão e que alia a um espírito de reflexão e de equilíbrio hábitos e qualidades sociáveis.” (DIDEROT. *Philosophe*. In: D’ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003. (Grifo nosso). DIDEROT, Denis. *Enciclopédia*. In: *Obras VI (1): O Enciclopedista. História da Filosofia I*. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2007). Quanto ao artigo *Sociedade*, escrito por Boucher D’Argis, eis os trechos que reforçam a tese da sociabilidade natural: “Tal é, com efeito, a natureza e a constituição do homem que, fora da sociedade, ele não poderia conservar sua vida nem desenvolver e aperfeiçoar suas faculdades e seus talentos nem obter uma verdadeira e sólida felicidade. [...] Assim, se as necessidades naturais dos homens os fazem dependentes uns dos outros, a diversidade dos talentos os torna apropriados a ajudarem-se mutuamente, liga-os e une-os. Estes são indícios bem manifestos da destinação do homem para a sociedade. [...] tal é o encanto destas afecções sociáveis que delas nascem nossos mais puros prazeres. [...] Toda teoria da economia da sociedade humana está apoiada sobre este princípio geral e simples: quero ser feliz. Mas vivo com homens que, como eu, querem igualmente ser felizes cada um de seu lado; procuremos o meio de obter nossa felicidade, obtendo a deles, ou pelo menos, sem prejudicá-los. Achamos esse

,assim como na *Réfutation*, o *Philosophe* apresenta-se como um fervoroso defensor do estado de sociedade, chegando a afirmar que os homens são feitos para viverem em conjunto. É nesse sentido que, para Diderot, a finalidade da moral é a utilidade pública.

A virtude e a felicidade são o objetivo da vida. Em sendo o objetivo da vida a busca da felicidade para todos os membros da espécie humana, sua conservação e sua propagação, a finalidade da educação será, necessariamente, tornar as pessoas capazes de realizar a felicidade social, ou seja, preparar homens virtuosos e esclarecidos. “[...] 'virtuoso' para que a criança, transformando-se, um dia, em homem, possa colocar o interesse da sociedade acima do seu bem individual; 'esclarecido' para que ela possa bem distinguir esses dois gêneros de interesse, o público e o privado.”³⁰

Nesse sentido, a educação possui, num primeiro momento, uma dupla finalidade: individual e social (coletiva). A primeira, a individual, deve estar sempre subordinada à segunda, a social.³¹ A finalidade social (coletiva), em Diderot, deve ser considerada a partir de quatro pontos de vista: físico, intelectual, moral e estético. Estes pontos, que acabam por orientar a educação, encontram ressonância no artigo “Educação” da *Enciclopédia*. A reflexão sobre a pedagogia, no século XVIII, sustenta-se em três termos que são definidos pela *Enciclopédia*: alimentar (físico), instruir (intelectual) e elevar (moral). Para cada um deles, tem-se um objetivo que, em conjunto, formam a finalidade da educação para a *Enciclopédia*: a saúde e a boa formação do corpo; a justiça e a instrução do espírito; a educação moral. Na carta endereçada a Comtesse de Fourbach, assim o missivista Diderot escreve:

Com uma alma justa e determinada, eu desejo que minha criança tenha um espírito reto, esclarecido, estendido. Eu me pergunto como se retifica, esclarece-se, estende-se o espírito de um homem; e eu mesmo, respondo: ratifica-se pelo estudo

princípio gravado em nosso coração. [...] *Devemos trabalhar todos pela felicidade da sociedade para nos tornarmos senhores de nós mesmos.* (D’ARGIS, Boucher. Sociedade. In: DIDEROT; D’ALEMBERT. *Verbetes políticos da Enciclopédia*. Tradução Maria das Graças de Souza. São Paulo: Discurso Editorial; Editora Unesp, 2006. p. 301-309. (Grifo nosso)). Quanto ao grifo, é importante destacar a relação direta de causa e efeito entre a felicidade pública e a autonomia: ao exercer a primeira, chegamos ao esclarecimento, que possibilita a autonomia. Basta lembrar da sentença apresentada anteriormente: *Instruídos – Virtuosos – Felizes*.

³⁰MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 68.

³¹ Cf.: *Id. Ibid.*, p. 69. Vale ressaltar que, como será exposto adiante, o *Plano* possui uma finalidade tripla: educação intelectual; educação moral e educação estética.

das ciências rigorosas. O hábito da demonstração prepara esse tato do verdadeiro que se aperfeiçoa pelo uso do mundo e a experiência das coisas. [...] Estender o espírito é, a meu ver, um dos pontos mais importantes, mais fáceis e mais práticos.³²

No que diz respeito à educação moral, cujo correspondente no artigo da *Enciclopédia* é o tema elevar, o educador deve adoçar os caracteres, de seus alunos, por meio da instrução³³; esclarecer as crianças sobre seus deveres, suavizar ou abafar os vícios e lhes inspirar o amor à ordem e às virtudes; ou seja, tornar as crianças boas, honestas e virtuosas. Quando a educação deixa de lado seu aspecto moral, ela forma pessoas que possuem, em plenitude, seus aspectos intelectuais e físicos e que, por não terem desenvolvido seu aspecto moral, são capazes de cometer maldades, uma vez que trabalham em função de seu egoísmo, de sua ambição e de seus vícios, visto não terem sido educadas em sua plenitude.³⁴ A educação precisa preparar homens que se tornem virtuosos e esclarecidos; virtuosos para que possam deixar seus interesses particulares submetidos aos interesses coletivos da sociedade e esclarecidos para que tenham a capacidade de identificar esses dois tipos de interesse: o privado e o público.

O quarto ponto de vista, que não aparece no verbete da *Enciclopédia*, mas que deve ser considerado ao se levar em conta a educação em Diderot, o estético, é de extrema importância no pensamento deste autor. Para ele, ao se formar o homem sábio e o homem bom, honesto, virtuoso, é necessário unir, nesse mesmo homem, essas duas qualidades. Isso somente é possível se a educação possibilitar acelerar, na criança, o nascimento do bom gosto³⁵, uma vez que, para Diderot, não adianta ser bom, honesto, virtuoso se o gosto não for ensinado.

É-se homem; tem-se o espírito estendido; mas, falta-se o gosto [...]. Como eu darei o gosto a minha criança? [...] O gosto é o sentimento do verdadeiro, do bom, do belo, do grande, do sublime, do decente e do honesto nos costumes, nas obras do espírito, na imitação ou emprego dos produtos da natureza. Ele tende, em parte, à perfeição dos organismos, e se forma pelos exemplos, a reflexão e os

³² DIDEROT, Denis. Lettre à La Comtesse de Fourbach, 1772. In: *Diderot. Oeuvres. Correspondance*. Paris: Robert Laffont, 1997. (Collection Bouquins). Tome V. p. 1101.

³³ Cf.: DIDEROT, Denis. Plano de uma Universidade. In: *Obras I: Filosofia e Política. Op. Cit.*, p. 264.

³⁴ Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.*, p. 69.

³⁵ Cf.: DIDEROT, Denis. Plano de uma Universidade. In: *Obras I: Filosofia e Política. Op. Cit.*, p. 264.

modelos. [...] As crianças dos mestres do mundo não teriam outras escolas do que a casa e a mesa de seus pais. Agir diante de suas crianças e agir nobremente, sem se propor por modelo; aperceber-se delas sem as examinar; falar bem e raramente interrogar; pensar justo e pensar tudo alto; afligir-se das faltas graves, meio seguro de corrigir uma criança sensível; [...]³⁶

Em tendo a educação, num primeiro momento, duas finalidades, uma individual e outra coletiva, e uma ser subordinada à outra, os fins particulares da educação individualista devem estar subordinados a um fim social (Materialismo: os seres particulares formam um ser uno, a sociedade). Deve-se educar as crianças a partir de suas disposições; logo, de maneira individual. Mas, esta maneira individual, que leva em consideração as disposições da criança, deve estar subordinada a uma finalidade coletiva; ou seja, fazer com que a criança seja capaz de se tornar virtuosa e esclarecida. Nesse sentido, a educação possui finalidade única e essencialmente social. Levando em consideração o desenvolvimento das aptidões particulares que a criança possui desde o nascimento (as disposições) o educador deve fazer desta criança um cidadão virtuoso e esclarecido, capaz de fazer o bem a sua nação, da qual ele é membro, estando disposto a desenvolver toda sua atividade em função dos fins sociais e humanos.

É importante saber quais são os meios pelos quais se pode alcançar a finalidade estabelecida para a educação. Segundo Diderot, o educador dispõe de duas ordens de meios que têm como objetivo formar homens virtuosos – capazes de colocar o interesse da sociedade acima de seu próprio bem – e esclarecidos – que sejam, ao mesmo tempo, instruídos sobre seus deveres em geral e sobre as necessidades da civilização de sua época: os meios diretos e os indiretos.³⁷ Os diretos agem diretamente sobre as disposições nativas da criança, através da exortação, do *exemplo*, reprovação, elogio, recompensas e castigos.³⁸ Os indiretos atuam na educação indireta ou educação pela instrução. Assim como os primeiros, estes meios têm como propósito formar o caráter moral da criança, mas de uma maneira mais indireta, através das ideias que são oferecidas pela instrução.³⁹

³⁶ (DIDEROT, Denis. Lettre à La Comtesse de Fourbach, 1772. In: *Diderot. Oeuvres. Correspondance. Op. Cit.* p. 1102).

³⁷ Cf.: MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 72.

³⁸ Cf.: *Id.* (Grifo nosso).

³⁹ Cf.: *Id.*

Educação e instrução são frequentemente confundidas quando se analisa o pensamento educacional diderotiano. Para Diderot, a instrução, que tem por objeto “[...] a cultura especial da inteligência pela comunicação das ideias que um homem ‘nobre’ [superior moralmente ou intelectualmente] deve possuir é um dos principais instrumentos da educação”.⁴⁰E, nesta mesma esteira, “Arme-a [a criança] contra os preconceitos, submetendo-lhe sempre à autoridade da razão. Se vós fortificais nela a ideia de ordem, ela amarará o bem; se vós fortificais nela a ideia geral de vergonha, ela temerá o mal. Ela terá a alma elevada se vós conduzis seus primeiros olhares às grandes coisas.”⁴¹

Contudo, uma observação de Issaurat sobre considerar instrução e educação como sinônimos, ao se trabalhar com o pensamento de Diderot acerca deste assunto, colabora com a perspectiva adotada por este escrito, quanto a este mesmo tema.

Eu creio inútil fazer observar que aqui instrução é, por assim dizer, sinônimo de educação. É, alhures, difícil, na minha opinião, traçar uma linha de demarcação bem talhada entre uma e outra. Como, com efeito, instruir alguém sem que este ensino influa sobre seus pensamentos e sobre seus atos; quer dizer, inspire-lhe, mais ou menos, os motivos de sua conduta; influa, em uma palavra, sobre sua boa ou má educação? Nós sabemos todos que a ciência da aplicação é útil ou inútil a depender do fato dela estar a serviço de um bom ou mau pensamento. Como, por outro lado, elevar alguém, dar-lhe educação sem lhe ensinar alguma coisa? A única distinção a estabelecer, parece-me, é as considerar alternativamente e reciprocamente como causa e efeito.⁴²

Entende-se a instrução como condição *sine qua non* da educação, porque ela possui um papel fundamental para Diderot, pois é um dos principais instrumentos que a educação possui e também porque não há um antagonismo entre instrução e moralidade, como pensou, por exemplo, Rousseau. Ao afirmar que a instrução é um dos principais instrumentos que a educação possui, admite-se que ela possibilita a educação, ao colaborar com duas de suas etapas: a educação intelectual, que forma o sábio; e a educação moral, responsável por formar o homem virtuoso.

⁴⁰*Id. Ibid.*, p. 76.

⁴¹DIDEROT, Locke. In: D’ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003.

⁴²ISSAURAT, Cyprien. *Diderot pédagogue. Op. Cit.*. p. 11.

Sem dúvida, os conhecimentos adquiridos [pela instrução] não nos dão de um só golpe [*d'unseulcoup*] a moralidade; mas, nos dando hábitos de atenção, de método, de abertura do espírito, de retidão de julgamento, eles aperfeiçoam o instrumento intelectual. O valor moral da instrução reside, então, menos, segundo Diderot, nos conhecimentos mesmos que ela nos dá que no desenvolvimento moral do qual ela é o pretexto. Se as Luzes não procuram *ipso facto* [certo efeito é uma consequência direta da ação em causa, em vez de ser provocada por uma ação subsequente, como o veredicto num tribunal] a moralidade, é incontestável, entretanto, que um homem esclarecido está mais apto do que um ignorante a conhecer seu dever.⁴³

A fé na instrução e na sua eficácia moral é uma das convicções que Diderot possuía. Longe de corromper os costumes, como pensara Rousseau, a instrução esclarece acerca dos deveres; atenua os caracteres; torna os vícios mais sutis, sufoca-os ou os vela; estimula o amor à ordem, à justiça e às virtudes, além de apressar o nascimento do bom gosto nas coisas da vida.⁴⁴ Diderot tinha uma crença no poder do esclarecimento em orientar a vida em direção à virtude, que vale mais e melhor do que o vício, e é o único meio de se chegar à felicidade. Sua convicção é tanta que, como ele expõe em seu *Plano*, não há pessoa que possa convencê-lo de que em uma nação, a barbárie possa se configurar como o estado mais feliz, muito menos que as pessoas, na medida em que se esclarecem, dirijam-se à infelicidade, à desventura.⁴⁵ “[...] se a instrução purifica a criança e a conduz, ao mesmo tempo, do culto do verdadeiro ao do bem, ela acaba sendo, efetivamente, um agente de moralização”.⁴⁶ Por essa razão, Diderot afirma, em seu *Plano*, que “[...] a pureza da moral seguiu os progressos das vestimentas, desde a pele do animal, até o tecido de seda. Quantas virtudes delicadas que o selvagem e o escravo ignoram!”⁴⁷.

Como retificar o espírito dos homens, através do desenvolvimento das faculdades intelectuais? Como obter este desenvolvimento? Diderot responde: através do estudo das ciências rigorosas, uma vez que a demonstração científica prepara para o tato [delicadeza] do verdadeiro que acaba por se aperfeiçoar a partir do uso do mundo pela experiência

⁴³MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.*, p. 77.

⁴⁴ Cf.: DIDEROT, Denis. Plano de uma Universidade. In: *Obras I: Filosofia e Política. Op. Cit.*, p. 264.

⁴⁵*Id. Ibid.*, p. 377.

⁴⁶MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.*, p. 77.

⁴⁷DIDEROT, Denis. Plano de uma Universidade. In: *Obras I: Filosofia e Política. Op. Cit.*, p. 264.

das coisas. Para Diderot, quanto mais se estende o uso dos sentidos e mais conhecimento se adquire, mais esclarecido o espírito se torna.⁴⁸ Por esta razão, ele exige energicamente que todos saibam ler, escrever e contar. A instrução é propedêutica à moral; é necessária a ela. “A finalidade suprema da educação é tornar as pessoas ‘honestas’ ou ‘virtuosas’, a instrução educativa deve visar a este fim: cultivando a inteligência e sugerindo certas idéias às crianças, a instrução deve inspecionar e cultivar nelas sentimentos que [...] formarão seus caracteres morais e suas determinações.”⁴⁹

Se a moral foi um objeto privilegiado no pensamento diderotiano, como explicar o porquê deste *Philosophe*, eclético nas formas, não ter confeccionado um tratado sobre este tema? Este escrito começou a ser redigido em 1773 e receberia o nome de *De vitabona et beata*. Entretanto, dois anos depois, em sua *Réfutation*, Diderot se confessa incapaz de realizar “esta obra sublime”.

[...] se há questões em aparência bastante complicadas que a mim pareceram simples no exame, há outras muito simples em aparência que julguei acima de minhas forças. Por exemplo, estou convencido que em uma sociedade, mesmo tão mal ordenada como a nossa, na qual o vício que triunfa é quase sempre aplaudido e a virtude que fracassa quase sempre ridícula, estou convencido, como disse, que em todo caso, não temos nada melhor a fazer para nossa felicidade do que ser um homem de bem; é esta a obra, [...] a mais importante e a mais interessante a fazer e aquela na qual eu pensarei com a maior satisfação nos meus últimos momentos. É uma questão que meditei cem vezes e com toda a contenção de espírito da qual sou capaz; eu tinha, acredito, os dados necessário; confessar-vos-ei sequer ousei tocar na pena para escrever a primeira linha. Eu me dizia: se eu não sair vitorioso desta tentativa, viro apólogo da maldade; terei traído a causa da virtude, terei encorajado o homem de vício. Não, eu não me sinto suficiente para este trabalho sublime.⁵⁰

Essa desistência não o impediu de encontrar uma maneira de colocar em prática o que ele considerava sua predisposição: moralizar os homens, uma vez que de todos os

⁴⁸Cf.: DIDEROT, Denis. Lettre à La Comtesse de Fourbach, 1772. In: *Diderot. Oeuvres. Correspondance. Op. Cit.* p. 1101.

⁴⁹MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot. Op. Cit.* p. 78.

⁵⁰DIDEROT, Denis. *Réfutation d’Helvétius*. In: *Diderot. Oeuvres. Philosophie. Op. Cit.* p. 832.

seus escritos, “[...] emerge uma angustiada preocupação com a moralidade”.⁵¹ Tal maneira mostrou-se eficaz, quando a prova lógica não funcionou: contar uma história foi o recurso utilizado por Diderot. Para moralizar, ele precisou da literatura e soube aproveitar ao máximo suas formas, seus gêneros.

Ao pensar o mundo a partir de uma filosofia materialista, Diderot estabeleceu as bases para o seu pensamento e, como não poderia deixar de ser, o materialismo como sendo o fundamento de suas ideias sobre a possibilidade de se educar os seres humanos. Ao afirmar que a organização do homem não é definida como essência deste ser, uma vez que, ao se pensar o materialismo, deve-se levar em conta dois conceitos operatório importantes: energia e processo; a espécie humana segue o processo segundo o qual existe uma ordem das coisas: a gênese, a organização (a possibilidade da educação), a duração e a dissolução; o homem é uma espécie que vai deixar de existir, assim como os outros animais, como afirmado anteriormente.

Nessa perspectiva, Maria das Graças de Souza, comungando da ideia diderotiana de que não existe nada mais importante do que ser feliz e que, para ser feliz, deve-se começar por ser virtuoso, assim resume a relação necessária entre materialismo e felicidade:

[...] os seres humanos são concebidos como coordenação de moléculas e como encadeamento de forças. O homem é, como todo ser vivo, “a soma de um certo número de tendências”, e as espécies são tendências a um termo comum que lhes é próprio. Vocação gregária das moléculas, apetites peculiares de cada órgão, estes movimentos e disposições têm como resultado final a tendência de todo animal de garantir a sua duração ou sobrevivência. Na espécie humana, essa tendência se expressa no desejo da felicidade: “Há uma única paixão, a de ser feliz”. O desejo, “filho da organização”, é o único fundamento de qualquer noção de dever.⁵²

⁵¹ BECKER, Carl Lotus. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 1932. p. 80.

⁵²SOUZA, Maria das Graças. *Natureza e Ilustração*. Sobre o materialismo de Diderot. São Paulo: editora Unesp, 2002. (Coleção Biblioteca de Filosofia). p. 94-95.

Assim, em sendo a felicidade a única paixão e o dever que une os seres em um organismo apenas, a sociedade, o materialismo diderotiano é o fundamento que faz com que as coisas sejam possíveis; ou seja, esta “possibilidade das coisas” deve ser entendida, no que respeita à duração dos seres e, conseqüentemente, de todo organismo social, aqui, neste escrito, como sendo a educação. E, como afirmou Diderot, se existe apenas um dever: o de ser feliz!, essa “possibilidade das coisas” necessita colaborar para que a sentença diderotiana *Instruídos – Virtuosos – Felizes* se confirme.

Bibliografia

BECKER, Carl Lotus. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 1932.

D’ALEMBERT, Jean le Rond. DIDEROT, Denis. *Encyclopédie*. Édition en CD-ROM. Paris, Redon, 2002/2003.

DIDEROT, Denis. *Diderot. Oeuvres. Philosophie*. Paris: Robert Laffont, 1994. (Collection Bouquins). Tome I.

DIDEROT, Denis. *Diderot. Oeuvres. Correspondance*. Paris: Robert Laffont, 1997. (Collection Bouquins). Tome V.

DIDEROT, Denis. *Obras I: Filosofia e Política*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção “Textos”).

DIDEROT, Denis. *Obras V: O Filho Natural*. Tradução Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção “Textos”).

DIDEROT, Denis. *Obras VI (1): O Enciclopedista. História da Filosofia I*. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção “Textos”).

DIDEROT, Denis. *Obras VI (3): O Enciclopedista. Arte, Filosofia e Política*. Tradução Newton Cunha e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção “Textos”).

DIDEROT, Denis. *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1875. Tome I.

DIDEROT, Denis. *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1876. Tome XI.

DIDEROT, Denis. *Oeuvres Complètes*. Éd. J. Assézat; M. Tourneux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1876. Tome XVIII.

DIDEROT; D'ALEMBERT. *Verbetes políticos da Enciclopédia*. Tradução Maria das Graças de Souza. São Paulo: Discurso Editorial; Editora Unesp, 2006.

ISSAURAT, Cyprien. *Diderot pedagogue*. Paris: C. Reinwald Librairie Éditeur: 1888. (Conférence).

LEPAPE, Pierre. *Diderot*. Paris: Champs/Flammarion, 1991.

MESROBIAN, Avédik. *Les conceptions pédagogiques de Diderot*. Tèse pour le doctorat d'Université de Paris. Faculté des Lettres. Paris: Librairie G. Molouan, 1913.

MONTAIGNE. *Oeuvres Complètes*. Paris: Seuil, 1967. (Collection L'intégrale).

MORTIER, Roland. TROUSSON, Raymond. *Dictionnaire de Diderot*. Paris: Honoré Champion, 1999.

MOTA, Vladimir de Oliva. *Acerca da noção de Filosofia em Voltaire*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), 2012. (Tese de Doutorado). Orientadora Professora Doutora Maria das Graças de Souza.

SOUZA, Maria das Graças. *Natureza e Ilustração*. Sobre o materialismo de Diderot. São Paulo: editora Unesp, 2002. (Coleção Biblioteca de Filosofia).

WILSON, Arthur. *Diderot*. Tradução Bruna Torlay. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Col. Perspectivas).